

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 21 de novembro de 2018**

Texto de referência: L. Giussani, Porque a Igreja, Cia Ilimitada, São Paulo 2015, pp. 307-315.

- *Alecrim*
- *Negra sombra*

Glória

Carrón: Vamos trabalhar um capítulo fundamental, como método, não apenas para hoje, mas para termos sempre presente como parte de todo o caminho. Este capítulo é praticamente um resumo do percurso feito até aqui, que Giussani coloca diante de nós, com todas as suas passagens. Começamos este percurso por *O Senso Religioso*, onde, já desde o primeiro capítulo Dom Giussani coloca em nossas mãos o instrumento para o caminho, o critério para julgar tudo: a experiência elementar, o coração. É o critério com o qual nós podemos enfrentar todas as coisas que encontramos pelo caminho, qualquer coisa, mesmo sendo algo imprevisto, assim como é imprevisível e imprevista a experiência cristã. Depois, passamos a nos perguntar: qual é a pretensão do cristianismo? A de que, em Cristo, o divino entrou na história. Este é o conteúdo do segundo volume do PerCurso, *Na Origem da Pretensão Cristã*. E o critério da experiência elementar nos é dado para interceptá-Lo. Nada é mais importante do que verificar se essa notícia é verdadeira e, portanto, se podemos interceptá-la com aquele *detector* com o qual fomos lançados na comparação com tudo o que acontece. Mas como posso alcançar a certeza sobre Cristo, eu, que nasci tantos séculos depois? Somente se posso fazer uma experiência similar à que fizeram Seus contemporâneos. Por isso é preciso que Cristo esteja presente como estava presente a eles, ou seja, através da sua contemporaneidade, hoje, na Igreja. Este é o objeto do terceiro volume do PerCurso, sobre o qual estamos trabalhando, *Por que a Igreja*. No início do capítulo, Dom Giussani se pergunta: “A Igreja é realmente o prolongar-Se de Cristo no tempo e no espaço?” (p. 308).

Foi-nos pedido para verificarmos o percurso que fizemos até agora. Para nos acompanhar nessa verificação somos guiados por um texto, com o qual somos convidados a nos comparar constantemente para não nos perdermos pelo caminho. Mas, já sobre essa comparação surgiram perguntas.

Colocação: *A convite de uma amiga, reli as palavras que você disse no final do Dia de Início de Ano sobre o trabalho da Escola de Comunidade. O que Giussani quer dizer quando diz: “A Escola de Comunidade deve ser feita dentro de uma séria comparação com o texto, não seguindo o fio das próprias preocupações” (ou das próprias reações ao texto)? Pergunto isso porque me parece uma divisão: como faço para entrar dentro das palavras de um texto sem ser acompanhada pela preocupação ou pela pergunta que vivo no momento em que estou me comparando? Não seria eu mesma. Tentei me confrontar, mas parece que não sou a única que não entendeu a profundidade dessa observação. Visto que se trata de uma questão de método, parece-me importante perguntar isso e também perguntar o que significa, para você, fazer Escola de Comunidade.*

Carrón: Essa é uma questão importante, porque normalmente não nos comparamos com o conteúdo do texto, mas com os nossos pensamentos, com as nossas imagens, com as nossas preocupações. Por isso, o texto, muitas vezes, torna-se um pretexto para fazermos as nossas reflexões. Anos atrás, exatamente aqui, uma pessoa se colocou dizendo (ela se lembra muito bem!) que, apesar de muitas tentativas não tinha conseguido ajudar uma pessoa em dificuldades. Disse também que tinha lido o texto de Escola de Comunidade sobre a esperança. “Mas eu perdi a esperança”, me disse. Eu respondi: “Você não fez sequer um minuto de Escola de Comunidade!”. Por quê? Porque o texto dizia que a esperança não se fundamenta nas nossas tentativas, mas no reconhecimento de Cristo, quer dizer, na fé. Ele é a nossa esperança. Mas ela, com toda sua boa

vontade, preocupada com o problema que não conseguia resolver – era muito importante para ela ajudar aquela pessoa –, colocou a esperança nas suas tentativas, mesmo justas: suas preocupações tinham prevalecido sobre a comparação com o texto. De fato, o texto dizia o contrário. Então, se nós não nos comparamos com o texto, ficamos à mercê das nossas tentativas ou das nossas preocupações ao invés de nos deixarmos guiar por aquilo que acontece, por alguém, para não perdermos tempo, para não ficarmos presos no emaranhado das nossas preocupações. Por isso, essa observação de Dom Giussani é fundamental. E por isso é importante voltar sempre ao conteúdo da proposta, relê-lo, mesmo que sejam coisas que já lemos muitas vezes na vida, para ver se estamos verificando o que o texto diz ou se estamos seguindo apenas as nossas preocupações. Esta é a única modalidade para fazer um caminho, e exige a “tenacidade de um caminho” (como dizia Dom Giussani). Se não, é como se a pessoa fosse à aula de matemática, mas ao invés de ficar atenta ao conteúdo da explicação, ficasse fechada em suas preocupações, pensando: “Não posso abandoná-las para escutar!”. Se você não consegue se distanciar um instante dos seus pensamentos para ir atrás do que está acontecendo na sua frente, não fará um caminho – como sabe qualquer um que ensina. Então, a primeira sugestão que Giussani nos oferece na sua paternidade, é nos dizer que o lugar da verificação é a experiência humana (como afirma o primeiro parágrafo do capítulo). Então, a primeira questão é entender o que é a experiência, porque, decididamente, não é nada óbvio.

Colocação: *É verdade. Neste período, trabalhando paralelamente sobre Por que a Igreja e O Senso Religioso, ficou evidente para mim a importância crucial da experiência, substancial e ineludível âmbito de verificação da razão e da fé, como há um tempo você tenta nos fazer entender na Escola de Comunidade. Porém, me aconteceu, ao mesmo tempo, observar que é possível apelar para a experiência para sustentar uma tese própria, uma ideia própria, de modo a impô-la aos outros, com um uso – poderíamos dizer – ideológico da experiência. A ocasião que insinuou em mim essa suspeita foi quando assisti um filme espanhol chamado O Autor. Nele, um homem, que tem a vida profissional e familiar em declínio, se inscreve em uma escola de escritores e seu professor o convida a observar, a fazer experiência, a viver plenamente, porque somente isso lhe dará a justa inspiração para seu romance. O protagonista começa, assim, uma observação curiosa, atenta e sistemática da vida no seu condomínio e seu romance toma forma. Todavia, rapidamente, dominado pela ansiedade de construir o seu texto, o seu “mundo”, começa a condicionar os eventos com subterfúgios e mentiras para que a vida de seus vizinhos pudesse caminhar como a vida de seus personagens. O resultado é desastroso: chega a instigar um jovem casal a cometer um homicídio e acaba na cadeia, etc. Sem chegar a resultados tão trágicos, percebi que isso também acontece com muita frequência em minha volta. Em algumas conversas com pessoas adultas, sobre o trabalho, ou em algumas situações problemáticas que eu mesma precisei enfrentar, percebi que frequentemente a própria experiência é absolutizada e se torna a única prova da verdade de uma ideia, de um preconceito que se tem sobre determinada questão ou determinada pessoa. E, então, a experiência deixa de ser o lugar de verificação da fé e da razão e se torna um argumento a favor ou contra uma tese pré-constituída. Então, a minha pergunta é: em que condições a experiência é fonte de conhecimento, é fonte de abertura, é âmbito de verificação e não motivo de fechamento da mente e do coração? Como olhar para a própria experiência, com que perguntas interrogá-la para não começar a manipulá-la e para não cair na armadilha da ideologia da qual o contínuo chamado de atenção sobre a experiência de Dom Giussani e seu quer nos salvar?*

Carrón: Todo o capítulo é realmente um encorajamento a não trapacear, dirigido aos dois protagonistas em jogo: o homem e a Igreja. “A Igreja, dando prosseguimento ao que Jesus realizou na Sua existência terrena dirige-se à nossa humanidade assim como ela é”, e “não às máscaras de humanidade que dominam as diversas formas de sociedade” (p. 309) em que vivemos. Por isso, a primeira condição a ser salva é esse encontro que deve acontecer com o que vejo, envolvendo a minha humanidade com a vida da Igreja. Porque quando nos deixamos tocar pela presença da Igreja, como diz a Escola de Comunidade, seremos provocados no mais íntimo do nosso coração. Recentemente fui apresentar um livro em Madri. Um dos interlocutores, diante do testemunho do

autor, que tinha sido transformado pelo encontro com a vida da Igreja, apenas lendo o livro, disse: “Na minha idade, achava que tinha conquistado o direito a um certo ambiente confortável [a uma *zona de conforto*], a uma certa tranquilidade. E, de repente, aparece esse testemunho que me vira de cabeça para baixo”. Se você se coloca diante da Igreja com a própria humanidade, não pode – como sempre dissemos, citando João e André – não ser provocado (como aquela pessoa que estava esperando apenas o declínio definitivo da sua vida) nos movimentos mais originais do seu coração. Por outro lado, diz Dom Giussani, para poder comprovar o que o coração interceptou é preciso que o homem não pare na primeira reação, mas se comprometa com a vida para “verificar” esse desafio. É neste ponto que nós, normalmente, começamos a trapacear. Com a descrição que você fez do filme, nós entendemos que, dominado pela ansiedade (e, portanto, não por sua humanidade assim como originalmente é), este senhor começa a condicionar os eventos com subterfúgios e mentiras. Nós sabemos quando estamos trapaceando! Não é que isso acontece inconscientemente. Nós sabemos que, quando não temos pobreza de espírito, selecionamos os dados que nos parecem conformes ao que já temos na cabeça: e, portanto, não há uma comparação real da nossa humanidade com a proposta da Igreja. É interessante que você tenha dado esse exemplo do filme porque isso nos mostra que o método que nos é proposto serve para tudo, não apenas para verificar a verdade de Jesus ou da Igreja, mas também para olhar para a realidade como ela é. Se, de fato, eu deixo de fora tudo o que não gosto da realidade, então não estou colocando em ato as condições para conhecer, porque seleciono uma parte da realidade. Então, é impressionante que quando seguimos o que Dom Giussani diz – “Se a Igreja não pode trapacear, tampouco o homem pode fazê-lo” (p. 313) –, a experiência não nos engana. Já dei muitas vezes o exemplo, que me tocou, daquela jovem catalã que nasceu e cresceu em um ambiente de forte nacionalismo. Quando encontrou a experiência cristã e sendo movida no mais íntimo do seu eu, pôde desmascarar a ideologia de quem esperava tudo da política. Isto é o contrário de absolutizar um aspecto, aliás, é justamente o que nos torna capazes de desmontar as teses pré-constituídas, nossas e dos outros. Mas para fazer isso é preciso ser morais, ou seja, estar disponíveis – como dissemos muitas vezes, citando Jean Guilton – a “submeter a razão à experiência”. Mas normalmente damos-nos conta de que o que queremos mais é submeter a realidade àquilo que já decidimos de início. Por isso, o caminho da verificação, diz Dom Giussani, deve ser “enfrentado com alma aberta e disponível” (p. 314). Estão vendo? Se não voltamos várias vezes ao texto para verificar o caminho que estamos fazendo ou se não confrontamos novamente com o texto as perguntas que emergem no decorrer da caminhada, num determinado momento, nos perdemos. Somente se fazemos este caminho de verificação podemos enfrentar a pergunta de uma pessoa que me escreve contando que vive em um contexto (como todos vivemos, agora) muito desafiador pela crescente violência que se afirma nos relacionamentos. Em todos os âmbitos, na família, no trabalho, no tempo livre, “as pessoas perdem cada vez mais a própria humanidade, deixando espaço para todos os instintos que parecem tutelar os próprios interesses”. E isso, escreve, “não só me entristece, mas me imobiliza [a bloqueia]. Além disso, a minha posição mais branda e menos violenta [como nós nos encorajamos a ter] parece perdedora nos fatos da realidade. Não tenho dúvida sobre a minha experiência, mas me pergunto: como posso viver nesta situação, nesta selva? Que passo devo dar para não viver estas circunstâncias imobilizada, escandalizada?”. Diante de uma pergunta assim, podemos realmente verificar se estamos percorrendo um caminho. Se, de fato, a proposta cristã não nos ajudasse a viver nesta situação, seria muito complicado. Enfrentando a sua urgência, nossa amiga lembrou-se do que ouvimos no Dia de Início de Ano: “É preciso [...] que acabe um período e comece um outro: o maduro”, ou seja, que aconteça “uma radical mudança da nossa consciência” (*Vivo é algo presente!*, supl. *Passos* novembro 2018, p. IX). Por isso, se pergunta: “Como posso fazer para que isso possa acontecer em mim? Como a pobreza de espírito ou esse tornar-se maduro podem, aos poucos, tornar-se meus?”. A primeira coisa a dizer é que nós podemos enfrentar essas situações por causa da novidade que o cristianismo introduziu e, antes do cristianismo, a revelação no Antigo Testamento: primeiro Abraão e, depois, João, André e Paulo fizeram a experiência de interceptar algo que os libertou, foram desvencilhados da situação na qual viviam. Por quê? Porque – diz o texto da Escola

de Comunidade – nós somos chamados, como eles, com aquilo que nos aconteceu, a entrar na comparação universal com tudo o que acontece. “O desafio da Igreja pode ser resumido deste modo: ela aposta no homem, supondo que a mensagem da qual ela mesma é instrumento, avaliada pela experiência elementar, revelará a presença prodigiosa” (p. 309). Abraão, João e André, Paulo, acolhendo a novidade que entrou em suas vidas, começaram a viver situações similares à nossa, de um modo diferente, quer dizer, enfrentaram tudo sem ficar bloqueados. Pensemos em alguém como São Paulo, a quem nada foi poupado: sofrimentos de todo tipo, dificuldades, agressões, de tudo. Mas justamente ele – que tinha enfrentado toda essa situação, muito pior do que a que cada um de nós precisa enfrentar –, escreve: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? [...] Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo [cheguei à certeza] de que, nem a morte, nem a vida [...], nem o presente, nem o porvir, nem o poder [...], nem a profundidade [...] nos poderá separar do amor de Cristo” (Rm 8,35-39). Não me parecem palavras de um homem imobilizado pelo Império Romano ou pelas situações que lhe foram dadas viver. Quando a pessoa aceita e se deixa envolver por aquilo que acontece, por aquilo que aconteceu em sua vida, adquire essa consciência.

Colocação: *Lendo Por que a Igreja ficou em mim a pergunta (isso não me acontece com frequência): onde podemos encontrar a correspondência da proposta cristã às exigências da vida? Veio-me em mente um fato muito simples. No mesmo dia em que li essa passagem estava sobrecarregado com um monte de coisas para fazer, prazos a serem cumpridos, trabalhos a serem terminados. Tudo isso tinha deixado um peso enorme no meu coração, não tanto pelos prazos em si, mas mais, na verdade, pela recusa de que tudo de mim se jogasse naquelas coisas. Naquele dia particularmente difícil tive necessidade de ir à Missa, não tanto como “efeito placebo”, para me acalmar um pouco, mas para que pudesse se abrir pelo menos um horizonte um pouquinho maior sobre mim e sobre a minha vida, que não poderia se resumir às coisas a fazer. Na homilia, o padre, comentando o Evangelho, disse: “O problema não são as coisas a fazer, que normalmente são uma maneira de se esconder, mas o amor, que é aquilo pelo qual seremos julgados”. Aquilo pareceu sob medida para mim, até porque não levei mais que um instante para perceber que ali havia algo infinitamente mais correspondente ao meu coração, e que somente Cristo traz (pelo menos foi assim que eu vi). Gostaria de fazer uma pergunta sobre isso: não o cristianismo como um conjunto de coisas verdadeiras e justas, mas este amor que senti ser para mim é sempre uma tensão ao Mistério, à realização, à felicidade, e somente em certos pontos, em certos momentos ou em certas pessoas se releva e enche o meu coração. Pelo resto do tempo – quando não estou distraído e dou-me conta disso, o que já não é pouco – permanece apenas o desejo, que não consegue se realizar, nem mesmo fazendo as coisas “justas” de CL ou encontrando certos amigos. Como é possível então, experimentar sempre uma correspondência, uma plenitude verdadeira? Gostaria de acrescentar uma coisa muito breve. Fizemos uma Escola de Comunidade sobre este ponto e, no fim, foi feita referência a uma Assembleia deste verão, na qual um padre amigo seu, contando o caminho que fez, disse: “Pouco antes de ser ordenado dei-me conta de que a vida era constelada de fatos que tinham a marca de Deus e que haviam me levado até ali, porém, quando precisava dizer “Tu”, quando precisava me colocar de joelhos e agradecer, havia uma grande resistência em mim”. Parece a mesma coisa que acontece comigo. Então, veio dizer a você: “Quero fazer um caminho humano em relação a essas coisas”. Isso me interessa muito, porque me interessa fazer um caminho humano.*

Carrón: Você se lembra de algum momento em que fez experiência dessa correspondência? Quando você ouviu o padre, por que o que ele disse tocou você? O que introduziu em você? Se não tivesse acontecido algo, com todas as coisas que você ouve tantos padres dizerem, você não se lembraria. Por que aquele padre tocou você?

Colocação: *Por que indicava uma perspectiva mais verdadeira sobre mim.*

Carrón: Porque ao invés ficar teimando em relação às coisas que tinha para fazer, você deixou entrar um olhar de amor, “aquilo pelo qual seremos julgados”, como você disse. Isso o fez mudar mais do que todas as suas preocupações sobre o que tinha para fazer. Você não precisou eliminar nada da sua vida, bastou simplesmente aceitar esse amor. E isso começou a introduzir no presente uma diversidade. Alguém poderia impedir isso?

Colocação: Não.

Carrón: Alguém poderia lhe poupar disso?

Colocação: Não.

Carrón: Este “aceitar” está ao alcance de cada um de nós, depois de um encontro como o que você teve com o padre. Então, quando está sufocado, você vai à missa, se pode. E se não conseguir ir à Missa, pare um instante para reconhecer esse olhar de amor sobre você, deixe entrar esse olhar sobre você e experimente verificar se isso não lhe dá aquilo que está procurando. Fico sempre impressionado quando leio este juízo de Dom Giussani: “Uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário” (*Educar é um risco*, Cia Ilimitada, São Paulo 1995, p. 14). A fé é uma experiência de tal modo presente que posso ver a sua confirmação, perceber a correspondência ao meu coração na minha própria experiência, de outro modo não seria capaz de resistir em um mundo onde tudo diz o contrário. Então, como posso experimentar a verdade da pretensão de Cristo e da Igreja? Somente deixando-O constantemente entrar na minha vida. Nós O encontramos. Estamos aqui só porque O acolhemos, depois de tê-Lo encontrado. Isto nos dá o método da verificação em cada instante. Por isso, me impressiona esta frase: a fé é uma experiência presente, e a confirmação se dá na própria experiência de verdade daquilo que vivo, porque responde à minha exigência, à minha urgência, neste momento em que estou sufocado. De outro modo, ninguém poderá resistir em um mundo onde tudo diz o contrário em relação à fé cristã. Mas essa experiência não acontece de uma vez por todas. Como você pôde experimentar naquele dia na Missa, pode experimentar outras vezes, mas sempre dando-se conta de que o que experimenta não é a plenitude total, alcançada de uma vez por todas. “Aquela plenitude”, diz o livro – é preciso voltar sempre ao texto! –, “é apenas a alvorada da totalidade. O todo é incomensuravelmente maior do que aquilo que possamos imaginar: é o ‘cêntuplo’. Mas este cêntuplo é a indicação de que o todo está se aproximando, é um sinal que manifesta a totalidade. Sem passar por esta experiência, o homem nunca estará convencido” (p. 314). Tudo isso está ao alcance das mãos, mas é preciso a tenacidade de um caminho, ao qual somos constantemente convidados. Agora vocês entendem por que é importante compreender bem qual é o objeto da verificação neste capítulo? Não são as nossas preocupações, os nossos afazeres, as nossas imagens, mas Aquele que nos aconteceu encontrar, Cristo.

Colocação: *O objeto da minha verificação hoje é a fidelidade de Cristo à minha vida. Vejo que, ultimamente, todas as manhãs me levanto cansado ou animado para ir ao treino, mas – independentemente do humor – me pergunto o que vou fazer lá. Trabalho numa empresa importante e muitos dizem que é uma sorte trabalhar lá. A mesma pergunta me acompanha quando vou tomar uma cerveja com amigos de sempre ou quando começo a arrumar a bagunça da casa. Pergunto-me: para que serve tudo isso? Cristo veio me encontrar através da minha história e teve a pretensão de ser a resposta para essa pergunta. “Eu sou a resposta ao sentido de tudo”: vivi isto em mil circunstâncias durante estes anos no CLU. Hoje, estou sempre verificando se Cristo é a resposta pertinente à minha ida ao trabalho, a recolher o lixo do chão ou à dor pela morte do meu avô. Vivo todos os dias com este pedido, que acho que é uma esperança e um desafio: “Jesus, faz-me ver como você vencerá hoje!”. E como vence? Acontecendo! É vê-Lo acontecer em mim e diante de mim que me dá a certeza para dizer estas palavras. O acontecimento é aquilo que agora, no Seu recontar e na minha tomada de consciência disso, coloca um tijolinho a mais que constrói a minha certeza. Porque se não fosse assim hoje, se Jesus não fosse capaz de me fazer viver mais intensamente o meu cotidiano, não desperdiçaria o meu tempo rezando ou ficando no*

Movimento! E com esse “intensamente” quero dizer viver de um modo que antes não teria imaginado como força, profundidade e maravilha diante do mistério maluco que estou descobrindo que a minha vida é. Portanto, não só na surpresa diante da minha nova maneira de olhar para os colegas e da abertura e mudança deles graças ao encontro comigo, mas também na dor, que não me é tirada e na qual sou colocado, posso descobrir que estou contente e cantar para agradecê-Lo depois de ter chorado diante do corpo do meu avô. Essa é a verificação que estou fazendo nestes meses: apostar que dentro da companhia d’Ele a vida é o cêntuplo. E que isso é possível em qualquer lugar, já que eu, comprometido com Ele porque me aconteceu, sou potencialmente um acontecimento que caminha. A coisa mais maluca é que acontece dentro da banalidade do cotidiano. Interessa-me viver as coisas de todos os dias como estou vivendo neste período. Justamente como você vive! Agora entendo porque você sempre tem curiosidade pelo último que passa. E também porque Giussani nos dizia que a única coisa na qual devemos imitá-lo é na sua vontade de aprender!

Carrón: Obrigado.

Colocação: Até um ano atrás, Comunhão e Libertação não me atraía, aliás...

Carrón: Já estou acostumado com isso, não se preocupe!

Colocação: ... eu era o primeiro que, assim que havia uma oportunidade, atacava o Movimento por todos os lados. Tinha uma crítica para todos. No final de junho, porém, na universidade, recebi uma proposta de estudar para um exame que não era muito fácil com algumas pessoas que eu não conhecia, ou melhor, conhecia apenas de vista. Porém, sabia que aquelas pessoas, aqueles jovens, eram, em sua maioria, de CL, então esperava ansiosamente que me convidassem para a Escola de Comunidade para que eu pudesse esclarecer logo as coisas, antes que começassem a insistir. Mas não foi isso que aconteceu. Ninguém me convidou para nada, ninguém me convidou para nenhum gesto, ninguém teve nenhuma pretensão sobre mim. Depois de um mês de estudo intenso com essas pessoas, não podia esconder o fato de que, estando com elas, não conseguia parar de sorrir. Em outubro, as aulas recomeçaram e fiquei com medo de não poder me encontrar de novo com aquele grupo de jovens que tanto tinha me fascinado. Como se tivessem lido a minha mente, me convidaram para um almoço, e não pude deixar de dizer a um deles: “Caramba, como é bonito o modo de vocês estarem juntos!”. A partir daquele momento nasceu algo do qual ainda dependo e do qual já dependia na ocasião. Comecei a dizer sim a muitos gestos que – juro – nunca teria me proposto a fazer, tipo a Escola de Comunidade, a caritativa, o Dia de Início de Ano, nem teria imaginado que estaria aqui, falando com você, agora, neste momento. Porém, não digo sim porque estou mergulhado até o pescoço e, por isso me sinto obrigado e tudo bem, mas porque todas as vezes que digo sim a uma proposta que tem esse calibre – ou seja, Cristo – fico cada vez mais sorridente, cada vez mais contente e seria estúpido me privar disso. Para concluir, entendi que antes havia um esquema meu, estava me substituindo ao Mistério, e aquele lugar ali, com aquelas pessoas, hoje está me fazendo viver feliz. Nem sempre, porém, hein! Obrigado.

Carrón: Obrigado a você, porque nós, que estamos aqui há tempos, precisamos ouvir você nos falar da sua surpresa, porque quando alguém experimenta essa surpresa pode ser arrancado do próprio esquema. Como dizíamos antes, basta envolver-se com a simplicidade com a qual você se envolveu. Não importa o ponto de partida, basta simplesmente que a pessoa esteja disponível a compartilhar a vida, porque a proposta que a Igreja nos faz é a de uma vida com a qual a pessoa é convidada a se envolver. Ninguém tentou lhe convencer de nada, simplesmente o convidaram para estudar com eles, para participar da vida que viviam. E tendo se envolvido com essa vida, aconteceu o que você nos contou. Quem aceita se empenhar, como você, vai se surpreender experimentando uma novidade impensável também em situações nas quais a pessoa não esperaria, até em situações que nos perturbam. O testemunho que acabamos de escutar mostra até que ponto a Igreja “entrega-se ao juízo da nossa experiência, aliás, solicita-a continuamente a percorrer o seu caminho completamente” (p. 310).

Colocação: *A questão do cêntuplo sobre o qual estamos trabalhando sempre foi um espinho na minha vida, e o fato de voltar ao tema hoje, é muito interessante. Por quê? Porque sempre confundi o cêntuplo com o equilíbrio. Como cometi erros na vida e também carreguei feridas, pensava que não poderia mais ser feliz, no máximo poderia alcançar um equilíbrio, mantendo sob controle todas as questões e dificuldades que tinha e que tenho. Até que encontrei um olhar sobre mim que compreendeu o meu limite, um olhar seja dos amigos, seja dos jovens da escola, uma simplicidade que me fez reencontrar um caminho para mim. E o que eu fiz, então? Voltei a me encontrar outras vezes com eles, envolvi-me com eles, me identifiquei com a vida deles. E qual foi a consequência disso? Agora faço uma experiência de alegria que não imaginava. As feridas ainda existem, aliás, hoje as sinto muito mais, mas Deus está me fazendo entender que é possível ser igualmente feliz, mesmo tendo muitas feridas. Não é preciso arrancar as feridas, não é preciso eliminá-las, o cêntuplo acontece dentro dos meus cacos, porque é obra d'Ele. Foi isso que constatei também em Aleppo, onde vi a vida renascer entre os escombros. Porque o cêntuplo acontece por iniciativa d'Ele e não porque eu seja capaz.*

Carrón: É o que ouvimos no Dia de Início de Ano: acontece algo absolutamente imprevisível. Depois de muitos sofrimentos, você não achava que ainda pudesse acontecer alguma coisa, porém Deus pode nos surpreender sempre, até através de pessoas tão jovens como os estudantes, que abrem novamente toda a sua vida, a ponto de você poder dizer: “Acontece dentro dos meus cacos”. Mas isso implica aceitar uma luta entre aquilo que eu penso e aquilo que Cristo faz.

Colocação: *Durante o trabalho sobre Vivo é algo presente! fui tomada por esse texto que sentia meu, próximo a mim. Convidei três amigos do meu curso para a Escola de Comunidade, queria aprender a viver com eles o que vivo com o CLU, porque nas aulas tudo me parecia mais difícil, me sentia mal ali e tinha preconceito em relação a todos. Não sabendo como sair do meu vício de julgá-los, pensei que seria mais simples para mim fazê-los ver o que de bonito eu via na Escola de Comunidade e que tinha dificuldade de ver neles. Eles deram crédito ao meu convite, apesar de eu me sentir a pior das cristãs por causa das inúmeras vezes que recaio nos meus erros (porque quero me salvar sozinha e fazer as coisas como acho melhor). Vieram porque foram convidados e, antes de começar, me fizeram mil perguntas sobre um trechinho do texto do Dia de Início de Ano que tinha lido com eles. “O anúncio é a presença de uma pessoa envolvida com plenitude num significado do mundo, num significado da vida” (Vivo é algo presente!, supl. Passos, novembro 2018, p. VII. Um dos colegas me disse: “Você é isso todos os dias para nós e é por essa razão que estamos aqui! Uma presença na sala, todos os dias”. Fico impressionada como pessoas veem em mim algo que ainda não consigo ver. Deus poderia escolher outra pessoa para eles, no entanto, escolheu a mim. Faz as coisas de modo absurdo para mim, inimaginável, mas é um modo muito bonito porque me deixa sempre livre para decidir. Por isso sinto-me a última das cristãs, porque, sendo livre, erro, porque recaio nos meus erros. Mas não quero viver por menos do que aquilo que eles veem em mim, me pareceria virar as costas ao que me é dito e que ainda não entendo. Não posso trapacear em relação a isso, é um caminho e preciso estar disponível para enfrentá-lo de coração aberto, mesmo que não saiba o que me espera, mesmo sabendo que vou cair novamente, mesmo não me sentindo à altura.*

Carrón: É de tal forma uma novidade que a pessoa não quer mais voltar atrás, mesmo dando-se conta dos equívocos e dos erros que comete. Mas isso não a detém mais. Este é o progresso que se realiza, este é o caminho que pouco a pouco se delineia: uma experiência vivida.

Colocação: *O que me impressiona do texto da Escola de Comunidade é como a verificação da presença do divino na vida da Igreja é algo que deve passar não tanto por uma teoria a ser estudada ou compreendida, mas por uma experiência vivida, por uma carnalidade que se experimenta. É impressionante que o texto fala justamente dessa carnalidade, desse mover-se com essa carnalidade: “Cada um de nós [...] busca justamente aquela maior plenitude. Este é o critério que nos guia, até nas menores escolhas: os homens aderem a este ou àquele convite [...] porque*

destas escolhas esperam maior satisfação, mais intensa correspondência ao próprio desejo! (pp. 310-311). Como gesto de caritativa, acompanho um rapaz na busca por trabalho. Infelizmente, é como se não tivesse havido nenhum resultado positivo neste período. E eu me perguntava: mas, para que serve usar o meu tempo assim se, depois, o resultado parece negativo, se a minha contribuição parece pouco útil? Era a pergunta que carregava neste período. Mas O Sentido da Caritativa, que retomei recentemente, respondeu a essa pergunta: “Trata-se da descoberta do fato de que, justamente porque nós os amamos, não é a nossa ação que os torna felizes. [...] Somente um Outro poderá torná-los felizes” (O Sentido da Caritativa, pp. 6-7). Isto me fez entender a dinâmica que, sendo sincero, está mudando de verdade o meu coração neste período. Também graças a este resultado um pouco estranho, é evidente que o meu relacionamento com esse rapaz é um mistério, é o relacionamento com um Mistério. Não é um relacionamento definido por um sucesso imediato, mas por algo que vem antes. Seguir este gesto de caritativa, definir um momento preciso da semana ao qual ser fiel – apesar da vida e dos compromissos sempre presentes – é o que, mais que tudo, me faz viver a “pobreza de espírito” da qual Giussani fala e, graças a ela, ultimamente estou me dando conta de como Ele revoluciona agora a minha vida, continuamente a muda.

Carrón: Como vimos, a pessoa que realmente se envolve com a experiência da vida da Igreja, qualquer que seja a situação de partida em que se encontra, cedo ou tarde não pode deixar de verificar quanto isso a faz experimentar a realidade – mesmo no meio dos escombros – segundo uma modalidade de viver tudo que é cem vezes melhor. Não nos poupa dos escombros. E não precisamos eliminar as feridas, a doença ou os desafios para viver, porque podemos enfrentá-los com a diversidade que hoje vimos descrita nas nossas colocações. Isso é fundamental para o caminho da certeza, porque se não podemos colher o cêntuplo no cotidiano, não alcançaremos aquela certeza que vence qualquer tipo de ceticismo (pelos nossos limites e pelos dos outros). Tudo isso acontece também através de uma comunidade cheia de limites como a nossa, porque nenhum limite pode nos impedir de fazer esta verificação. Por isso, não devemos eliminar nada do que existe, da nossa humanidade ou da humanidade daqueles que carregam o significado da vida. Para experimentar o cêntuplo, basta aceitar uma convivência com a vida que está dentro deles.

Não encerramos o trabalho deste capítulo aqui. Este capítulo deve ser parte constante da nossa vida, porque neste caminho não há um antes, que seria o senso religioso, seguido da pretensão cristã, depois a vida da Igreja e, por fim, nós, que julgamos. Não, tudo se dá ao mesmo tempo, e esse capítulo resume de maneira sintética toda a proposta cristã indicando o método para que ela não se reduza a uma repetição teórica, mas seja sempre uma experiência vivida, a única que nos faz reconhecer a resposta à pergunta: posso experimentar Cristo agora para alcançar a certeza de que preciso para tomar uma decisão sobre uma questão desse calibre? Cada um deve verificar se o testemunho daqueles que estão fazendo esse percurso representa a possibilidade de responder a essa pergunta.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 19 de dezembro, às 21h00.

Continuaremos a quarta parte da Segunda Seção de *Por que a Igreja*, de Dom Giussani. Iniciaremos o segundo capítulo “Pelo fruto se conhece a árvore”, fundamental para colher o fruto pela raiz, da página 317 à página 329.

Lembro que no site italiano de CL, na seção “Escola de Comunidade”, colocamos à disposição os arquivos em áudio das partes de *Por que a Igreja* sobre as quais estamos trabalhando. Parece-nos um facilitador para trabalhar sobre o texto.

Coleta de Alimentos e Tendas AVSI. Gostaria de retomar brevemente o que dissemos na última Escola de Comunidade em relação aos gestos de caridade que nos propomos neste período: a Coleta de Alimentos e as Tendas AVSI. Estes gestos são, antes de mais nada, um desafio para a nossa verificação, colocam à prova se nosso mover-se – fazendo estes gestos – nasce de uma experiência

de gratidão, da experiência de um “pleno” que urge comunicar – sendo livres do resultado, portanto – ou se nasce de uma falta pela qual precisamos sempre de novos “projetos” para “ter a sensação de existir” (como dizia Dom Giussani).

Se a origem é uma gratidão infinita que transborda da nossa pessoa, então o que faremos será aparentemente a mesma coisa, mas o significado – a densidade – que carregará consigo será totalmente diferente. Esta é a diferença entre um gesto de voluntariado e um gesto de caritativa como o que estamos propondo: se nosso mover-se carrega uma esperança para toda a vida – já que é o que todos esperam para viver – ou se nos contentamos em dar uma resposta a uma necessidade material sem comunicar a única coisa que Jesus carregava quando respondia às necessidades das pessoas: que não estavam mais sozinhas como cães e que, portanto, havia uma esperança.

Então, justamente no modo com o qual faremos estes gestos as pessoas que encontraremos poderão perceber que há uma diversidade, que o que veem não pode se exaurir em si mesmo, mas remete além: é o testemunho de algo absolutamente imprevisível, ou seja, do anúncio cristão. Esta é a minha preocupação: que os gestos não sejam desconectados da origem da nossa experiência, que não percamos o nexos com a origem, porque a alternativa a isto só poderá ser o ceticismo. E, sobretudo, que através dos gestos nós não comuniquemos o que nos interessa mais, ou seja, de onde nasce o que fazemos.

Por isso, devemos nos preocupar em viver, nós, antes de mais nada, os gestos. Somente se nós os vivemos, aquilo que queremos comunicar poderá chegar aos outros. Como chegará a eles não é um problema nosso. Nosso problema é se estamos investidos dessa consciência porque, então, chegará, chegará aos outros quase sem que percebamos.

Por isso, como preparação para estes gestos, convido todos a retomar o livretinho de Dom Giussani *O Sentido da Caritativa* (que pode ser baixado do site de CL). Vamos relê-lo para nos ajudar a viver estes gestos em conexão com os conteúdos da Escola de Comunidade que estamos aprofundando.

O livro do mês para dezembro e janeiro [na Itália] será *Santi*, de C. Martindale (edição Jaka Book), com uma apresentação de Dom Giussani. Parece-nos que este livro sobre a vida dos santos pode ser exemplificativo do trabalho de verificação que a Escola de Comunidade está nos propondo, em particular em relação a uma das características da Igreja, ou seja, a santidade.

Site CL e *Passos*. Começa a campanha de assinatura de *Passos*, que é a forma mais eficaz de apoio à Revista e ao site de CL. Neste momento de confusão em tantos aspectos, achamos muito preciosas a companhia e a ajuda que nos damos a olhar aquilo que o Mistério faz acontecer entre nós e que, depois, contamos e publicamos no site de CL.

Já a revista *Passos*, como vocês viram, tentamos usá-la para alguns aprofundamentos sobre temas que achamos fundamentais no debate cultural e que vemos em ato dentro da Igreja e na sociedade. Não se trata de aprofundamentos para “especialistas”, mas para todos. Percebo cada vez mais – também pelas oportunidades de viagem e pelas ocasiões de diálogo que tive por ocasião das apresentações dos meus livros – que muitas questões já se colocam em nível – digamos – “global”. Entendo que o uso desses instrumentos não é, de modo algum, óbvio e que somente dentro de um caminho reaprendemos, nós e nosso povo, o gosto por um conhecimento, para alargar a razão. Ajudemo-nos, portanto, neste trabalho.

Cartaz de Natal. A imagem deste ano é a *Adoração dos Magos* (1457), de Elia e Giovanni Gagini, Gênova.

A primeira frase é do Papa Francisco: “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do Evangelho: ‘Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo’”.

A segunda frase é de Dom Giussani: “Tentem pensar naquela menina que estava em casa e recebeu o anúncio: Nossa Senhora. Algo, em última instância, não condutível aos acontecimentos antecedentes, dos quais o seu presente era feito. Imaginem o que os pastores sentiram com o anúncio do Anjo, ou os Magos com o anúncio do qual a estrela foi um sinal: uma novidade radical, uma novidade de ordem absoluta, não podia existir e está aqui, não podia existir porque nunca pensamos nisso, não podíamos pensar nisso, e está aqui. O cristianismo é o acontecimento desse anúncio. Anúncio não enquanto eu o sinto, antes de mais nada, mas enquanto se apresenta a mim: algo fora de nós e que se propõe ao profundo de nós; mas está fora de nós. O cristianismo é uma presença dentro da tua existência, uma presença que garante uma mudança inimaginável, inimaginável”.

Veni Sancte Spiritus

Boa noite a todos!